

CONFISSÃO SOBRE A NOSSA LÍNGUA – CARTA DE SCHOLEM A ROSENSZWEIG

Tomaz Amorim¹

Nota introdutória

A carta a seguir, traduzida da versão original em alemão, foi escrita por Gershom Scholem em 26 de dezembro de 1926, e dedicada a Franz Rosenzweig. Seu texto original teve como base o Anexo I do artigo intitulado “Franz Rosenzweig und Gerhard Gershom” de Michael Brocke, ao qual agradecemos. O texto está disponível para consulta no portal da Salomon Ludwig Steinheim-Instituts für deutsch-jüdische Geschichte, da Universidade Duisburg-Essen. Esta carta permaneceu desconhecida até sua descoberta em março de 1985 entre os papéis de Scholem, pelo pesquisador Stéphane Mosès, que a publicou, pela primeira vez, em uma tradução francesa nos *Archives des sciences sociales et religieuses* sob o título de “Uma carta não publicada de Gershom Scholem para Franz Rosenzweig, Sobre a nossa língua, uma confissão”. Ela ganhou popularidade após ser discutida em um seminário apresentado por Jacques Derrida no Dartmouth College em 1987, em uma tradução inglesa. Atualmente, ela acompanha como anexo o ensaio então proferido intitulado “Os olhos da linguagem: O abismo e o Vulcão” (DERRIDA, 2002, p. 191).

“Confissão sobre a nossa língua” sintetiza e ao mesmo tempo dá continuidade a um longo debate, travado com destacados escritores judeus como Walter Benjamin, H. N. Bialik e o próprio destinatário da carta, Franz Rosenzweig, sobre as relações entre sagrado e secular, místico e político em relação à língua hebraica e a “empreitada sionista” da qual ele fala. Scholem preocupa-se com a tentativa, para ele impossível, de “atualizar” e “secularizar” uma língua que, na verdade, é sagrada. Ao invés de produzir novas palavras,

¹ Mestre em Teoria Literária pela Unicamp.
tommy.amorim@gmail.com

relacionadas ao novo cotidiano, o sionismo buscaria, o tempo inteiro, resgatar palavras do “bom e velho tesouro” do Hebraico. Para Scholem, este resgate não é inofensivo, pelo contrário, implica em um risco para as gerações futuras, pois estas palavras não são vazias, mas cheias de “violência religiosa”, prestes a explodir. Trata-se, portanto, de uma concepção de língua não instrumental – como desejavam os sionistas contraditoriamente “restauradores” e “secularistas” -, mas de uma língua que carrega em si significados e potências da religião e da tradição do povo. Esta carta segue o movimento dos grandes textos de Scholem: trata, a partir de um ponto de vista secular e científico, com toda seriedade do fenômeno histórico e teológico do místico. Eis a razão da mistura de tons, em alguns momentos de difícil compreensão e, em outros, de assustadora clareza. Ela se coloca tanto em uma reflexão pontual, sobre seu próprio presente histórico, como em uma tentativa mais ampla de compreensão do funcionamento da língua e sua relação política e teológica com um povo.

O contexto específico de escrita desta carta é assinalado pelo próprio Scholem em sua autobiografia *De Berlim a Jerusalém* (1991). Pouco antes de deixar a Alemanha para se estabelecer na Palestina, Scholem discutiu com Rosenzweig a situação do Judaísmo na Alemanha. Para ambos, a assimilação crescente da tradição e da cultura judaica devia ser combatida, e o Judaísmo ser renovado. Eles diferiam, no entanto, na solução: enquanto Scholem acreditava que o Judaísmo da Diáspora estava condenado e que apenas o Sionismo apresentava uma alternativa viável para seu ressurgimento, Rosenzweig acreditava que o Sionismo terminaria por normalizar o Judaísmo, privando-o de sua identidade religiosa e, por fim, de sua própria essência. Depois deste desacordo, que não se deu em termos brandos, Scholem partiu para a Palestina e Rosenzweig passou a lidar com recém-descoberta esclerose lateral amiotrófica que dificultou sua vida até o fim. A carta, que foi escrita justamente três anos depois desta despedida para compor um volume em homenagem aos quarenta anos de Rosenzweig (que se encontrava extremamente doente), pode ser interpretada, a partir deste contexto, de diversas maneiras. Seu título “Confissão” deixa clara uma revisão de posição por parte de Scholem que viu na secularização do Hebraico um grande risco para a essência religiosa do Judaísmo, como Rosenzweig havia alertado.

Stephane Mòses, em seu livro *O anjo da história: Rosenzweig, Benjamin, Scholem*, comenta esta mudança de posição:

Realmente, pode-se presumir que, se Scholem concordou em contribuir com aquela coleção, e, especialmente, se ele escolheu informar Rosenzweig três anos depois de sua chegada à Palestina de suas dúvidas e apreensões sobre o futuro de um Sionismo que se esforçava cada vez mais para cortar suas ligações com as raízes judaicas tradicionais, foi para (...) admitir para ele (já que o título do texto é "Uma confissão") que em contato com a realidade, suas próprias concepções se tornaram muito mais próximas daquelas de Rosenzweig. Não que ele não fosse mais um sionista; sua crítica naquele texto é uma crítica *interna*. Mas seus elementos são essencialmente aqueles que Rosenzweig desenvolveu em nome de uma concepção religiosa de Judaísmo" (Nossa tradução, 2009, p. 173).

De acordo com Mòses, Scholem vê confirmada na Palestina as preocupações de Rosenzweig em relação à manutenção, ou à possibilidade de ressurgimento, da cultura tradicional judaica: o Sionismo estava, de fato, profanando a sacralidade do Judaísmo explicitamente no caso exemplar da língua. Para Scholem, trata-se de um caminho sem volta, já que "nossas crianças não tem mais nenhuma língua" e, ao mesmo tempo, no uso da língua sagrada "mente-se, para si mesmo ou para Deus, como se não significasse nada". Um retorno não é possível e o presente danifica a relação com o passado tradicional ao mesmo passo em que invoca um futuro "apocalíptico".

Como bem aponta Annabel Herzog, em ensaio esclarecedor que discute tanto a carta de Scholem quanto o ensaio subsequente de Derrida, a concepção de linguagem de Scholem é fortemente influenciada por um ensaio de juventude de Walter Benjamin, dedicado a Scholem, intitulado "Sobre a linguagem em geral e sobre a linguagem do homem". Nesta concepção de linguagem, haveria uma linguagem primordial – através da qual Deus criou o mundo e, em seguida, Adão nomeou o mundo – e uma linguagem "alienada", a do nosso presente, que marca um abismo entre as coisas e seus nomes. Nesta carta, Scholem parece fazer referência àquela força quase-mágica da língua

original perdida que se caracteriza pela identidade entre as coisas e seus nomes. Como se a invocação constante de Deus O obrigasse, apocalipticamente, a romper seu silêncio. Além desta formulação teológico-linguística, Herzog aponta também para um aspecto psicológico do texto de Scholem, sintetizando as duas camadas da seguinte maneira:

O que Scholem quer dizer por “momento em que o poder armazenado na língua for *liberado*”, etc.? A primeira vista, a metáfora parece ser a de uma besta adormecida ou de um gênio escondido em uma antiga lâmpada. Falar Hebraico moderno é como esfregar uma lâmpada dizendo “Gênio, oh, gênio...” e, de repente, o gênio aparece ou a besta desperta – e Deus se vinga através da língua. “Deus não permanecerá em silêncio!”. No entanto, uma interpretação psicológica foca no termo “estranho” [*unheimlich*] usado no primeiro parágrafo da carta (*unheimlicher als das arabische Volk*) para sugerir que Scholem indicava o “retorno do recalcado” na população do Estado de Israel, eventualmente alienado de seu passado, sua tradição e sua autenticidade. A vingança da língua ou “retorno do recalcado” seria o resultado da alienação do povo judeu em sua própria terra” (nossa tradução, 2009, p. 229-230).

Herzog sublinha a consequência política da análise linguístico-teológica de Scholem e sua crítica ao Sionismo que invoca o sagrado, ao mesmo tempo em que tenta o tempo inteiro se desligar dele. O risco, para Scholem, apocalíptico, era a da transformação do estado judeu em um estado como qualquer outro, às custas justamente do Judaísmo. Em comparação com a passagem bíblica de Samuel 8:7–17, em que os anciões pedem por um rei que os julgue como os de “qualquer outra nação”, negando assim a Lei de Deus,

Herzog sintetiza da seguinte maneira a posição da carta: “Scholem estava convencido de que estava na véspera do Apocalipse. Ele se sentiu parte do povo, os sionistas políticos, herdeiros do Rei Saul, que invocavam o sagrado, ao mesmo tempo em que se esforçavam ao máximo para se alienar dele” (Nossa tradução, 2009, p. 236).

Referências

BROCKE, Michael. “Franz Rosenzweig und Gerhard Gershom”. Disponível em http://www.steinheim-institut.de/wiki/images/Michael_brocke-franz_rosenzweig_und_gerhard_gershom_scholem.pdf 16h46, 18/12/13.

DERRIDA, Jacques. “The eyes of the language: The Abyss and the Volcano”, in *Acts of Religion*. New York/London: Routledge, 2002.

HERZOG, Annabel. “‘Monolingualism’ or the Language of God: Scholem and Derrida on Hebrew and Politics”, *Modern Judaism* 29(2), 2009.

MÒSES, Stéphane. *The Angel of History. Rosenzweig, Benjamin, Scholem*. Stanford University Press, 2009.

SCHOLEM, Gershom. *De Berlim a Jerusalém*. São Paulo: Perspectiva, 1991.

Confissão sobre a nossa língua

A Franz Rosenzweig,

Este país é um vulcão: ele encobre a língua. Fala-se aqui de muitas coisas nas quais podemos fracassar, fala-se hoje mais do que nunca sobre os árabes. Mas uma ameaça, muito mais estranha do que o povo árabe, coloca-se diante de nós, invocada com urgência pela empreitada sionista: o que acontece com a “atualização” do Hebraico? Não precisa novamente ser rompido este abismo de uma língua sagrada que é estreitado sobre nossas crianças? Evidentemente, ninguém sabe o que está fazendo. Acredita-se que a língua foi secularizada. Mas já isto não é verdade, pois a secularização de uma língua é um *façon de parler*, uma frase feita. É impossível esvaziar assim palavras prestes a explodir e, mesmo se isto acontecesse, seria às custas da própria língua. O Volapuque fantasmagórico que nós falamos aqui nestes becos refere-se exatamente àquele mundo linguístico inexprimível, no qual, apenas lá, a “secularização” da língua seria possível. Ainda assim, transmitamos para as nossas crianças a língua que nos foi transmitida, tornemos viva neles - nós, a geração da transição - a língua dos velhos livros, de forma que ela possa se revelar de maneira nova para eles; não precisaria, então, irromper um dia a violência religiosa desta língua? E qual geração encontrará esta erupção? Nós vivemos sobre um abismo nesta língua, quase todos com a segurança de um cego, mas não tropeçaremos, nós, ou aqueles que vierem depois de nós, quando pudermos ver? E ninguém sabe se o sacrificado que for enterrado neste abismo bastará para fechá-lo. Os criadores dos novos movimentos linguísticos acreditam cegamente, até o limite da teimosia, na força milagrosa da língua, e esta foi sua sorte. Nenhum visionário teria se utilizado da demoníaca coragem necessária para reviver uma língua lá onde apenas um Esperanto teria podido surgir. Alguns iam, e vão ainda hoje, enfeitiçados por sobre o abismo; ele se cala, e eles, por sua vez, passaram adiante os antigos nomes e selos para a juventude. Às vezes, então, somos estremecidos quando, de uma conversa irrefletida dos falantes, vem nos assustar uma palavra da religião. Este Hebraico é de um peso profano: nesta situação de

agora não pode e não vai ficar, nossas crianças não tem mais nenhuma outra língua e, trata-se simplesmente da verdade, elas, e apenas elas, é que terão de pagar o encontro que nós, sem perguntar, sem perguntar a nós mesmos, lhes proporcionamos. Quando a língua se virar contra seus falantes – em alguns momentos ela já o faz em nossas vidas, e são momentos difíceis de esquecer, nos quais se nos revela a desmedida de nosso empreendimento – teremos nós, então, uma juventude que conseguirá se sair bem sucedida diante da insurgência de uma língua sagrada?

A língua são nomes. Nos nomes está encerrado o poder da língua, está selado o abismo. Não está mais em nossas mãos, dia após dia, invocar os nomes antigos sem despertar suas potências. Elas aparecerão porque nós as invocamos livremente com grande violência. Nós é que falamos livremente em rudimentos, nós é que falamos livremente uma língua fantasmagórica: em nossas frases as palavras dão voltas; em publicações e jornais esse ou aquele brinca com elas; e mente-se, para si mesmo ou para Deus, como se não significasse nada; e, frequentemente, salta a força do sagrado diante de nós da desonra fantasmagórica da nossa língua. Pois os nomes tem sua vida e caso não tivessem, aí de nossas crianças, estariam irremediavelmente à mercê do vazio.

Cada palavra que não for criada simplesmente, mas for tomada do “bom e velho” tesouro, está prestes a explodir. Uma geração que toma a mais frutífera das nossas tradições de hoje - nossa língua - não pode, por mais que deseje mil vezes o contrário, viver sem tradição. Cada momento em que o poder armazenado na língua for *liberado*, em que o “falado” do conteúdo da língua novamente tomar forma, esta tradição sagrada se colocará novamente como sinal decisivo diante de nosso povo, diante do qual haverá apenas esta escolha: submeter-se ou desaparecer. Em uma língua na qual é invocado milhares de vezes de volta para nossas vidas, Deus não permanecerá em silêncio. Esta inevitável revolução da língua, no entanto, na qual a voz é escutada, é o único tema neste país sobre o qual não se ouve nada, pois aqueles que chamaram a língua hebraica de volta à vida, não acreditaram no Juízo que eles juntamente invocaram sobre nós. Oxalá a imprudência que nos conduziu a este caminho apocalíptico não leve ao perecimento.

Jerusalém, 7 de Tevet de 5687

Gerhard Scholem

Bekenntnis über unsere Sprache

An Franz Rosenzweig

Dies Land ist ein Vulkan: Es beherbergt die Sprache. Man spricht hier von vielen Dingen, an denen wir scheitern können, man spricht heute mehr als je von den Arabern. Aber unheimlicher als das arabische Volk steht eine andere Drohung vor uns, die das zionistische Unterfangen mit Notwendigkeit heraufbeschworen hat: Was ist es mit der „Aktualisierung“ des Hebräischen? Muss nicht dieser Abgrund einer heiligen Sprache, die in unsere Kinder gesenkt wird, wieder aufbrechen? Freilich, man weiß nicht, was man tut. Man glaubt die Sprache verweltlicht zu haben. Aber das ist ja nicht wahr, die Verweltlichung der Sprache ist ja nur eine *façon de parler*, eine Phrase. Es ist schlechthin unmöglich, die zum Bersten erfüllten Worte zu entleeren, es sei denn um den Preis der Sprache selbst. Das gespenstische Volapük, das wir hier auf der Gasse sprechen, bezeichnet genau jene ausdruckslose Sprachwelt, in der die „Säkularisierung“ der Sprache möglich, allein möglich werden konnte. Überliefern wir aber unseren Kindern die Sprache, die uns überliefert worden ist, machen wir, das Geschlecht des Übergangs, die Sprache der alten Bücher lebendig in ihnen, so dass sie sich an ihnen neu offenbaren kann – muss denn dann nicht die religiöse Gewalt dieser Sprache eines Tages ausbrechen? Und welches Geschlecht wird dieser Ausbruch finden? Wir leben ja in dieser Sprache über einem Abgrund, fast alle mit der Sicherheit des Blinden, aber werden wir nicht, wir oder die nach uns kommen, hineinstürzen, wenn wir sehen werden. Und niemand weiß, ob das Opfer Einzelner, die in diesem Abgrund zugrunde gehen werden, genügen wird, um ihn zu schließen. Die Schöpfer der neuen Sprachbewegung glaubten blind, bis zur Verbohrtheit, an die Wunderkraft der Sprache, und das war ihr Glück. Kein Sehender hätte den dämonischen Mut aufgebracht, eine Sprache da zu beleben, wo nur ein Esperanto entstehen konnte. Jene gingen, und gehen noch heute, gebannt über den Abgrund, er schwieg, und sie haben ihn, die alten Namen und Sigel, weitergegeben an die Jugend. Nun graust es uns manchmal, wenn aus einer gedankenlosen Rede des Sprechers ein Wort der Religion uns erschrickt.

Unheilsschwer ist dies Hebräisch: in seinem jetzigen Zustand kann und wird es nicht bleiben, unsere Kinder haben keine andere Sprache mehr und es [ist] nur wahr zu sagen, dass sie und allein sie die Begegnung werden bezahlen müssen, die wir ihnen, ohne zu fragen, ohne uns selbst zu fragen, verschafft haben werden. Wenn die Sprache sich gegen ihre Sprecher wenden wird – auf Minuten tut sie es schon in unserem Leben, und das sind schwer vergessliche Minuten, in denen sich die Vermessenheit unseres Unterfangens uns offenbart – werden wir dann eine Jugend haben, die im Aufstand einer heiligen Sprache bestehen können wird?

Sprache ist Namen. Im Namen ist die Macht der Sprache beschlossen, ist ihr Abgrund versiegelt. Es steht nicht mehr in unserer Hand, die alten Namen tagtäglich zu beschwören, ohne ihre Potenzen wachzurufen. Sie werden erscheinen, denn wir haben sie ja freilich mit großer Gewalt beschworen. Wir freilich sprechen in Rudimenten, wir freilich sprechen eine gespenstische Sprache: in unseren Sätzen gehen die Namen um, in Schriften und Zeitungen spielt der oder jener mit ihnen, und lügt sich oder Gott vor, es habe nichts zu bedeuten und oft springt aus der gespenstischen Schande unserer Sprache die Kraft des Heiligen hervor. Denn die Namen haben ihr Leben und hätten sie es nicht, wehe unseren Kindern, die hoffnungslos der Leere ausgeliefert werden.

Jedes Wort, das nicht eben neu geschaffen wird, sondern aus dem „guten alten“ Schatz entnommen wird, ist zum Bersten voll. Ein Geschlecht, das die fruchtbarste unserer heutigen Traditionen: unsere Sprache, übernimmt, kann nicht und mag es auch tausendfach wollen, ohne Tradition leben. Jener Moment, wo sich die in der Sprache gelagerte Macht entfalten wird, wo das „Gesprochene“ der Inhalt der Sprache, wieder Gestalt annehmen wird, wird jene heilige Tradition wieder als entscheidendes Zeichen vor unser Volk stellen, vor dem es nur die Wahl haben wird: sich zu beugen oder unterzugehen. Gott wird in einer Sprache, in der er tausendfach in unser Leben zurückbeschworen wird, nicht stumm bleiben. Diese unausbleibliche Revolution der Sprache aber, in der die Stimme vernommen wird, ist der einzige Gegenstand, von dem in diesem Lande nicht gesprochen wird, denn die, die die hebräische Sprache zum Leben wieder aufriefen, glaubten nicht an das Gericht, das sie damit über

uns beschworen. Möge uns dann nicht der Leichtsinn, der uns auf diesem apokalyptischen Weg geleitet, zum Verderb werden.

Jerusalem, den 7. Teweth 5687

Gerhard Scholem